



miguilim

VOLUME 13, NÚMERO 2 | MAIO-AGO 2024

AS CONCEPÇÕES DE LÍNGUA PRESENTES EM UM MATERIAL DIDÁTICO DE LÍNGUA PORTUGUESA: UMA ANÁLISE A PARTIR DOS CONCEITOS FOUCAULTIANOS DE *ENUNCIADO* E DE *FUNÇÃO ENUNCIATIVA*



LANGUAGE CONCEPTIONS FOUND IN A PORTUGUESE LANGUAGE TEACHING MATERIAL: AN ANALYSIS BASED ON FOUCAULTIAN CONCEPTS OF *UTTERANCE* AND *ENUNCIATIVE FUNCTION*

César Morais ROSA
Universidade Federal de Uberlândia, Brasil

RESUMO | INDEXAÇÃO | TEXTO | REFERÊNCIAS | CITAR ESTE ARTIGO | AUTORIA
RECEBIDO EM 02/01/2024 • APROVADO EM 04/08/2024
DOI: <https://doi.org/10.47295/mgren.v13i2.1447>

Resumo

Neste trabalho, utilizamos as reflexões teórico-metodológicas de Foucault (2008) para descrever e para analisar as diferentes concepções sobre língua presentes no livro didático de Língua Portuguesa *Estudos da Linguagem* (FTD, 2021), voltado para o ensino médio. Esse processo permitiu-nos examinar, em diálogo com a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), a aparição, a conexão, a incorporação e a manifestação de três abordagens distintas de língua como objeto científico: uma influenciada por Saussure, outra por Jakobson e uma terceira por Chomsky. Também chegamos à conclusão de que a

BNCC não contempla todos os conceitos científicos sobre língua e de que há uma presença subentendida da teoria de Saussure em uma das competências do documento.

Abstract

In this work, we used the theoretical and methodological reflections of Foucault (2008) to describe and analyze the different conceptions of language found in a Portuguese Language textbook for high school. This process allowed us to examine, in dialogue with the National Common Curricular Base (BNCC), the emergence, connection, incorporation, and manifestation of three distinct approaches to language as a scientific object: one influenced by Saussure, another by Jakobson, and a third by Chomsky. We also concluded that the BNCC does not encompass all scientific concepts of language and that there is an implicit presence of Saussurean theory in one of the competencies of the document.

Entradas para indexação

Palavras-chave: Concepções científicas de língua. Análise do Discurso. Material didático.

Keywords: Scientific conceptions of language. Discourse Analysis. Teaching materials.

Texto integral

Introdução

A partir da publicação do *Curso de Linguística Geral*¹, Saussure ([1916] 2006) abre espaço para a constituição de uma ciência da língua/linguagem. Além disso, esse autor assume uma posição epistemológica, adotando o seu ponto de vista em relação ao objeto da Linguística: a língua. No CLG, notamos que Saussure ([1916] 2006, p. 15) aventa acerca dessa tomada epistemológica quando nos explica que “é o ponto de vista que cria o objeto; aliás, nada diz de antemão que uma dessas maneiras de considerar o fato em questão seja anterior ou superior às outras”.

Sob a perspectiva de Normand ([2000] 2009), tal posicionamento proporciona “a consciência de que qualquer descrição se faz segundo um ‘ponto de vista’ e que, mesmo ele não sendo ‘superior’ aos outros, é necessário também escolher um, sob o risco de se misturar todos” (p. 39). Nessa direção, Flores (2023, p. 81, grifo nosso) explicita que:

Essa ideia tem grande potencial, porque, em linhas gerais, ao afirmar que o objeto da linguística não está pronto em nenhum lugar, Saussure estabelece que temos *sempre que o construir*. [...] Saussure criou a sua linguística, o seu ponto de vista e, por esse mesmo gesto, estabeleceu que é possível criar outras linguísticas; basta, para isso, que se estabeleça um outro ponto de vista sobre fatos e dados linguísticos.

¹ O *Curso* ou CLG foi publicado postumamente em 1916.

Ao longo da história, esse movimento permitiu a inscrição de diversas vertentes linguísticas, com seus objetos específicos. Em vista disso, neste trabalho, procuramos verificar as concepções do objeto língua, sob o ponto de vista científico, trazidas pelo livro didático de Língua Portuguesa² *Estudos da linguagem* (FTD, 2021) para o ensino médio. Os critérios de seleção desse *corpus* relacionam-se com o objetivo deste estudo e com a minha atuação docente, como veremos mais para frente.

Para isso, como recurso metodológico, lançaremos mão das reflexões teórico-metodológicas de Foucault (2008) acerca da noção de enunciado e de função enunciativa, o que nos permitirá analisar os distintos conceitos de língua mobilizados no discurso didático do material. As reflexões foucaultianas de que falaremos representam uma metodologia muito potente para a análise da emergência, da articulação, da inscrição e da materialização dos discursos.

Cumprido informar que este estudo tem natureza documental³ e qualitativa e está disposto em seis seções, quais sejam: Introdução; A BNCC e o ensino de Língua Portuguesa no ensino médio; Breve percurso acerca das noções de enunciado e de função enunciativa em Foucault; Apresentação dos critérios de seleção adotados e do *corpus* de pesquisa; Conclusão; e Referências.

A BNCC e o ensino de Língua Portuguesa no ensino médio

A BNCC representa um documento norteador dos currículos da educação básica, compreendendo todos os sistemas de ensino – desde a rede pública até a rede particular. Esse documento foi assegurado a partir da promulgação da Constituição da República Federativa do Brasil de 1988, no artigo 210 (Brasil, 1988) – e regulamentado a partir da aprovação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), no artigo 26 (Brasil, 1996).

O documento visa à formação “humana integral e à construção de uma sociedade justa, democrática e inclusiva” (Brasil, 2018, p. 7), além de definir um conjunto de aprendizagens essenciais que devem ser desenvolvidas pelos alunos ao longo das etapas da educação básica: educação infantil, ensino fundamental e ensino médio. Para isso, estabelece uma série de competências e habilidades que devem ser desenvolvidas. Em consonância com a BNCC, *competência* “é definida como a mobilização de conhecimentos (conceitos e procedimentos), *habilidades* (práticas, cognitivas e socioemocionais), atitudes e valores para resolver demandas complexas da vida cotidiana, do pleno exercício da cidadania e do mundo do trabalho” (Brasil, 2018, p. 8, grifo nosso).

Com relação ao ensino médio⁴, a base organiza as aprendizagens essenciais por áreas do conhecimento⁵, quais sejam: Linguagens e suas Tecnologias, Matemática e suas Tecnologias, Ciências da Natureza e suas Tecnologias, Ciências Humanas e Sociais Aplicadas. Nesse sentido, na área de Linguagens⁶, preconiza-se

² Doravante, LP.

³ Assumimos o posicionamento de Baladeli (2012) no que se refere ao livro didático como um documento escolar propagador de ideologias e visões de mundo.

⁴ A BNCC para o ensino médio foi homologada em dezembro de 2018.

⁵ Esse procedimento objetiva a integração de um ou mais componentes (Brasil, 2018).

⁶ Segundo a BNCC (Brasil, 2018), não há indicação de seriação para o ensino médio.

a consolidação progressiva das aprendizagens adquiridas no ensino fundamental no que se refere à reflexão de diferentes manifestações languageiras (Brasil, 2018).

Essas manifestações representam objeto de distintos componentes curriculares pertencentes à área, como Arte, Educação Física, Língua Inglesa e Língua Portuguesa. No componente curricular de LP, que deve ser ofertado obrigatoriamente nos três anos que constituem a etapa do ensino médio, as habilidades são selecionadas por campos de atuação social (Brasil, 2018). Visto isso, nas competências específicas para área de Linguagens e nas habilidades do componente de LP, notamos uma preocupação quando da análise linguística/semiótica.

A compreensão das línguas como um fenômeno político, histórico, social, coletivo, pessoal etc., bem como a ampliação de sentidos do uso crítico da língua, inscreve-se no documento norteador. Entretanto, o estudo realizado por Pilati, Weissheimer e Prado (2023) atesta que a BNCC não contempla todos os postulados científicos acerca da noção de língua. Para as autoras, a base repete o conceito de língua apresentado nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) e restringe-se a dimensões mais externas da língua, que são pertinentes, mas não representam todas as visões científicas que temos sobre o conceito. Nas palavras de Pilati, Weissheimer e Prado (2023, 76-77),

O documento praticamente repete o conceito de língua apresentado nos PCNs, vinculado exclusivamente a um viés “enunciativo-discursivo”, em que o conceito de línguas humanas pouco se diferencia do de linguagens em geral e está diretamente relacionado a fatores “históricos e sociais”, usados para “significar o mundo e a sociedade”. Não há nesse conceito qualquer menção ao fato de as línguas naturais serem fruto de uma dotação biológica que caracteriza nossa espécie *como Homo sapiens* e que se organiza em sistemas linguísticos.

Nesse ínterim, percebemos que as autoras trazem à baila o postulado teórico de *Faculdade da Linguagem* (FL), proposto por Chomsky (1957; 2020), acerca da capacidade inata e geneticamente determinada do ser humano para desenvolver línguas naturais e a noção de *língua enquanto sistema de signos*, cunhada por Ferdinand de Saussure ([1916] 2006). Esse movimento, a título de exemplo, coloca em perspectiva o conceito de língua trazido pela BNCC e outras concepções científicas a respeito do tema.

Os apontamentos sobre o ensino de LP para o ensino médio no documento norteador e o conceito de língua inscrito nele subsidiarão, mais adiante, a análise do livro didático selecionado. Assim, no tópico a seguir, ensejados em Foucault (2008), apresentaremos algumas reflexões teórico-metodológicas para a análise discursiva acerca do objeto científico língua mobilizado pelo material.

Breve percurso acerca das noções de enunciado e de função enunciativa em Foucault

A obra *Arqueologia do Saber*, para muitos estudiosos, é considerada um marco⁷ no percurso de elaboração teórica de Foucault. Nela, o filósofo reflete acerca da função enunciativa com base numa abordagem “de círculos concêntricos” (Fernandes Júnior, 2020; Foucault, 2008). Dito de outro modo, Foucault (2008) parte do *enunciado à lei do que pode ser dito*, propondo, assim, uma leitura não linear. Acompanhemos como Fernandes Júnior (2020, p. 181-182) concebe esse movimento:

Tal proposta abre espaço para análises que podem se orientar por diferentes percursos de leitura em função do tipo de análise discursiva que dado material possibilita, ou requer, sempre tendo em vista o diálogo constante entre o objeto de estudo, a teoria e as entradas metodológicas específicas.

Nessa direção, em Foucault (2008), vemos uma preocupação em como se deve olhar para as diferentes discursividades que se mobilizam descontinuamente em dada singularidade histórica. Isso pode ser verificado sob uma perspectiva macro ou micro, sempre com vistas à descrição dos enunciados e da função enunciativa. Questiona-se agora a existência dos conjuntos de signos e as regras que permitem a articulação e a atualização deles.

Em conformidade com o filósofo, o enunciado não pode ser reduzido à *proposição*, à *frase* ou ao *ato de fala*. Isso porque a *proposição* não corresponde a ideias lógicas, podendo haver uma disparidade quanto ao lugar no plano do discurso e ao agrupamento de enunciados. Já com relação à *frase*, a hipótese não se sustenta, haja vista que a frase deve ser considerada uma sequência linguística aceitável e interpretável. Em outras palavras, isso excluiria outros signos que não pertencem à língua natural, como um gráfico. Por fim, o *ato de fala* também não poderia ser colocado no plano do enunciado, porque não se considera a intencionalidade do sujeito falante (Foucault, 2008; Franceschini, 2017).

Nas palavras de Foucault (2008), essa questão exigiu que ele “voltasse para o centro, ao problema do enunciado e que tentasse elucidar o que é preciso entender por enunciado” (p. 130). Por essa razão, o autor entende que o enunciado tem uma função semiológica e não se restringe aos fenômenos linguísticos. Desloca-se, nesse sentido, dos “fatos linguísticos” para os “fatos do discurso” (Foucault, 2003). Desse modo, Fernandes Júnior acrescenta que (2020, p. 182),

podemos nos valer de uma imagem, de uma fotografia, de uma tela, ou de um texto propriamente dito, e avançar nas discussões que exploram textos verbo-visuais, dentre outros. Tal abertura analítica se mostra produtiva, demonstra a proficuidade dessa perspectiva metodológica para os estudos do discurso e aponta

⁷ A respeito dessa obra, Fernandes Júnior (2020) advoga que, “ao mesmo tempo que procura descrever a metodologia empregada nas pesquisas de que resultaram os livros anteriores, é também um livro ‘de passagem’ aos estudos sobre poder, ou da genealogia do poder” (p. 181).

para a atualidade dos trabalhos desse autor, dos quais podemos nos valer para a análise de diferentes tipos de discurso.

Para Foucault (2008), o enunciado⁸ representa, então, o *átomo/elemento do discurso*, “um ponto sem superfície mas que pode ser demarcado em planos de repartição e em formas específicas de grupamentos” (Foucault, 2008, p. 90). Além disso, ele precisa ser realizável, produzido efetivamente. Fernandes Júnior (2020) explica-nos que esse fato demarca um ponto nodal para os estudos inscritos nessa abordagem de análise de discurso, uma vez que se questiona “como apareceu um determinado enunciado, e não outro em seu lugar?” (Foucault, 2008, p. 30).

Tal questionamento deve ser colocado em pauta para a análise de objetos discursivos, porquanto possui “um alcance teórico muito potente que nos abre as portas para a compreensão dos elementos que compõem dado discurso” (Fernandes Júnior, 2020, p. 183). Isso posto, o discurso caracteriza-se pelo conjunto de enunciados que implica uma regularidade. A esse respeito, Franceschini (2017, p. 57, grifo nosso) aventa que é importante lembrarmos “que a heterogeneidade é um princípio constitutivo do discurso, e, embora haja regularidade, cada enunciado se mostra para nós como *um acontecimento discursivo*, ou seja, *único*”.

Segundo Deleuze (1988), o enunciado é composto por curvas, e a regularidade do discurso dá-se “com as regras do campo em que elas se distribuem e se reproduzem. É isso que é uma regularidade enunciativa” (p. 57). Dito de outra forma, a regularidade discursiva está associada à condição de emergência dos enunciados, à articulação que eles podem fazer entre si e às regras que possibilitaram a sua (re)produção (Fernandes Júnior, 2020). Além disso, Foucault (2008) advoga que o enunciado não representa uma estrutura, mas sim uma função de existência que pertence aos signos.

Nesse viés, com Foucault (2008), compreendemos que o enunciado está ligado às quatro características da função enunciativa: i) *o referencial*; ii) *a posição-sujeito*; iii) *o campo associado*; iv) *e a materialidade repetível*. *O referencial* diz respeito às *condições/leis de possibilidade*, às *leis/regras de existência* “para os objetos que aí se encontram nomeados, designados ou descritos, para as relações que aí se encontram afirmadas ou negadas” (p. 103). Essa característica define as possibilidades de emergência dos discursos, forma os objetos do discurso.

No que tange à *posição-sujeito*, Foucault (2008) caracteriza-a como o sujeito que enuncia, que fala. Nessa perspectiva, o sujeito não pode ser superposto ao que ele evoca, quer dizer, ele ocupa uma “função vazia”, porque um mesmo indivíduo ou um grupo de indivíduos pode formular um enunciado a partir do qual poderá ocupar diferentes posições. Vejamos como isso se dá nas elaborações foucaultianas:

(...) o sujeito do enunciado é uma função determinada, mas não forçosamente a mesma de um enunciado a outro; na medida em que é uma função vazia, podendo ser exercida por indivíduos, até

⁸ Foucault (2008, p. 119) ainda assevera que o “enunciado circula, serve, se esquiva, permite ou impede a realização de um desejo, é dócil ou rebelde a interesses, entra na ordem das contestações e das lutas, torna-se tema de apropriação ou de rivalidade”.

certo ponto, indiferentes, quando chegam a formular o enunciado; e na medida em que um único e mesmo indivíduo pode ocupar, alternadamente, em uma série de enunciados, diferentes posições e assumir o papel de diferentes sujeitos (Foucault, 2008, p. 107).



Concordamos com Fernandes Júnior (2020) quando da reflexão do sujeito numa abordagem histórica. Segundo esse autor, o sujeito vai de encontro aos discursos essencialistas e inscreve-se na sua condição de multiplicidade, na história e nos e pelos discursos.

Já o *campo associado* refere-se à *existência de um domínio associado, de regimes de saber*⁹. Em outras palavras, isso significa dizer que um enunciado “tem sempre margens povoadas de outros enunciados” (Foucault, 2008, p. 110), que ele estará sempre articulado ao “já-dito”, à “memória”. Segundo Foucault (2008), o campo associado é constituído pelo “conjunto das formulações a que o enunciado se refere (implicitamente ou não), seja para repeti-las, seja para modificá-las ou adaptá-las, seja para se opor a elas, seja para falar de cada uma delas; não há um enunciado que (...) não reatualize outros enunciados” (p. 111).

A *materialidade repetível*, por fim, representa o *suporte* em que o enunciado se materializa; é constitutiva do enunciado e implica uma historicidade. Como nos ensina Foucault (2008, p. 113), “o enunciado é sempre apresentado através de uma espessura material, mesmo dissimulada, mesmo se, apenas surgida, estiver condenada a se desvanecer. Além disso, o enunciado tem necessidade dessa materialidade; mas ela não lhe é dada em suplemento”. O enunciado diz respeito a uma materialidade repetível (Foucault, 2008), “cuja observação permite a descrição da substância, do contato com um objeto, do sujeito que produz esse objeto e o inscreve nessa substância, a partir de uma modalidade que lhe é específica” (Franceschini, 2017, p. 56).

Tais apontamentos de análise dos discursos direcionam-nos, consoante Fernandes Júnior (2020), “a entender o domínio prático dos discursos, sua força na constituição de sujeitos e na produção de verdades sobre um dado tema” (p. 183). Assim, entendemos que os “enunciados estabelecem conexões e pontos de contato entre distintas discursividades” (183). Também compreendemos que toda *formação discursiva* está imbrincada nas características supracitadas com relação à função enunciativa. De acordo com Foucault (2008, p. 49-50):

Uma formação discursiva se define (pelo menos quanto a seus objetos) se se puder estabelecer um conjunto semelhante, se se puder mostrar como qualquer objeto do discurso em questão aí encontra seu lugar e sua lei de aparecimento; se se puder mostrar que ele pode dar origem, simultânea ou sucessivamente, a objetos que se excluem, sem que ele próprio tenha de se modificar.

Pensando nessas considerações arroladas, lançamos mão das noções foucaultianas de enunciado e de função enunciativa, a fim de, no *corpus* selecionado, descrever e verificar as distintas discursividades que se mobilizam no

⁹ A constituição de um *saber* está ligada ao exercício de um *poder*. Daí falar-se no binômio *saber-poder*. Essa relação implica o funcionamento de *práticas discursivas*, que são incrustadas de regras históricas (Foucault, 2004, 2008).

que se refere à concepção de língua sob um viés científico. Nessa direção, as reflexões teórico-metodológicas de Foucault (2008) conduzir-nos-ão à análise da emergência, da inscrição e da materialização da noção de língua no livro didático de LP em exame.

Apresentação dos critérios de seleção adotados e do *corpus* de pesquisa

Os critérios de seleção do *corpus* relacionam-se com nossas limitações de fôlego e de espaço, com o objetivo deste trabalho e com a minha atuação docente. Enquanto professor de Língua Portuguesa no ensino médio de uma escola particular¹⁰, trabalhei, em 2022, com o livro didático em questão no 1º ano do ensino médio, o que me despertou grande interesse para realizar este estudo. A amostra que foi recortada pareceu-nos bastante representativa no conjunto dos dados, uma vez que trata de uma análise linguística/semiótica por meio de enunciados verbo-visuais, voltada para o ensino médio. Além disso, carrega concepções de língua que não são abarcadas pela BNCC.

O material selecionado de LP, intitulado *Estudos da Linguagem*, pertence à rede particular de ensino, ou seja, não passa pelo PNLD¹¹. Ele constitui um volume único e foi publicado em 2021, portanto, balizado pela BNCC para o ensino médio. A autoria apresentada refere-se à editora FTD – Sistema de ensino: ensino médio: linguagens e suas tecnologias. Acompanhemos a reprodução a seguir:

¹⁰ Essa escola está localizada em Minas Gerais, mais especificamente na cidade de Patos de Minas.

¹¹ É o Programa Nacional do Livro e do Material Didático, que visa à distribuição gratuita e sistemática de livros e obras didáticas aos sistemas públicos de ensino do Brasil (Brasil, 2017).

|| AMPLIE ||

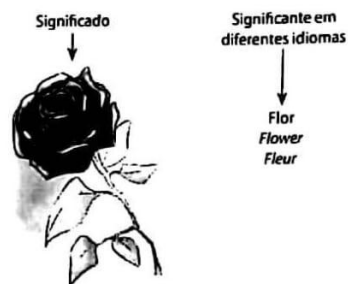
Linguagem, signo linguístico e língua

A linguagem é constituída por um código, um sistema organizado por regras e formado por signos verbais e/ou não verbais. Somos capazes de perceber a realidade que nos cerca quando a nomeamos, e isso é feito por meio desses signos. No entanto, para haver comunicação, é necessário que conheçamos o valor simbólico dos signos. Esse valor pode variar em comunidades e em situações diferentes, pois trata-se, muitas vezes, de uma convenção estabelecida em determinado grupo; outras vezes, esses símbolos são universais.

Já o signo linguístico possui dois aspectos distintos que se complementam: um conceito (significado) e uma expressão acústica (significante).

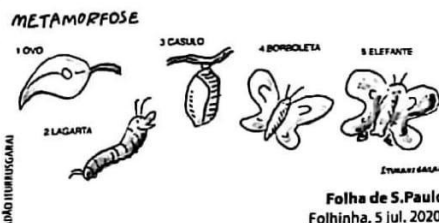
- O significado é o conceito, a ideia construída; situa-se no plano do conteúdo.
- O significante é a expressão acústica, isto é, a impressão mental causada por uma sequência de sons que formam uma palavra; situa-se no plano da expressão.

Mas o que relaciona um significante a um significado? O linguista suíço Ferdinand de Saussure (1857-1913) teorizou que os signos são arbitrários, ou seja, a relação entre a ideia e a expressão acústica que forma a palavra a ela ligada é fruto de uma convenção. Não existindo uma relação causal entre significante e significado. Isso se confirma pelo fato de que uma mesma ideia (água, por exemplo) é expressa pela palavra "água" (em português), *water* (em inglês), *eau* (em francês), *wasser* (em alemão) etc. A esse conceito dá-se o nome de arbitrariedade do signo.



Ao ouvirmos um som ou lermos uma palavra (por exemplo, flor), uma imagem forma-se em nossa mente, pois há uma combinação de um conceito com sua marca acústica ou gráfica.

Observe a tirinha a seguir:



Na tirinha, o autor traduz na forma de imagens o significante e o significado de alguns signos linguísticos: "ovo", "lagarta", "casulo", "borboleta", "elefante".

O significante "metamorfose" também está relacionado ao seu conceito pelo conjunto de representações imagéticas que permite visualizar a transformação do ovo em lagarta, do casulo em borboleta. No entanto, o humor da tira deriva do acréscimo de uma etapa inusitada no processo de metamorfose: a transformação da borboleta em elefante.

Por fim, a língua é a representação de um código verbal, pertencente a um grupo social, com suas normas e regras, formada por signos linguísticos. É parte essencial da linguagem e tem como função a promoção da comunicação entre os seres humanos.

A língua é algo que diferencia o ser humano dos demais animais, pois não se trata apenas de um processo de maturação biológica, mas sim de um sistema que envolve outras questões:

- só se desenvolve quando estimulada pelo meio social;
- apresenta um caráter simbólico e interativo;
- é um produto cultural, característica tipicamente humana;
- não é inata, pois o ser humano aprende sua língua e a ela acrescenta significados variados e variáveis, de forma infinita.

Figura 1 – Reprodução da amostra do livro didático.

Fonte: FTD (2021).

Análise do *corpus* de pesquisa

Diante dessa composição, analisar por completo essa amostra beiraria à impossibilidade em se tratando do propósito e do formato desta pesquisa. Por esse motivo, fizemos um recorte de alguns enunciados em três eixos que versam a respeito do objeto científico língua no discurso didático veiculado no material, quais sejam:

- a) *Eixo 1*: “Linguagem, signo linguístico e língua”/” um sistema organizado por regras e formado por signos verbais¹²/ “É a parte essencial da linguagem”/ “um sistema que envolve outras questões”/ “só desenvolve quando estimulada pelo meio social/
- b) *Eixo 2*: “A linguagem é constitutiva por um código”/ “a língua é a representação de um código verbal”;
- c) *Eixo 3*: “não trata apenas de um processo de maturação biológica”/ “não é inata”.

À vista disso, questionamo-nos: por que esses enunciados e não outros no lugar deles? Quais as regras de existência que possibilitaram a inscrição deles no material em relevo? Qual é o domínio associado de outros enunciados que estão conectados a esses? Quais posições derivam de cada concepção de língua materializada nesse discurso didático? Tais questionamentos levar-nos-ão à reflexão sobre a análise dos conceitos de língua que se mobilizam na amostra elencada.

Os enunciados mobilizados no *eixo 1* aventam acerca do deslocamento da história da Linguística enquanto ciência. É sabido de todos que se dedicam aos estudos linguísticos que Ferdinand de Saussure, linguista suíço, foi considerado o pai da Linguística moderna a partir da publicação do *Curso de Linguística Geral* (versão brasileira), obra reconstruída por dois colegas de Saussure: Charles Bally e Albert Sechehaye, com a colaboração de um dos ouvintes de seus cursos: Albert Riedlinger. Esse processo deu-se por intermédio dos cadernos de estudantes e por poucas notas autógrafas do linguista.

A teorização saussuriana é complexa¹³ e cunha um novo estilo de trabalho reflexivo, com métodos, objeto e princípios específicos. Saussure ([1916] 2006) propõe uma “ruptura” ao que, até então, era feito em seu tempo e concede à Linguística um estatuto epistemológico e um objeto integral e concreto. Em face do exposto, Normand ([2000] 2009, p. 83, grifo nosso) explica que

Tal desenvolvimento não linear, com retomadas e complicação progressiva de noções antes propostas sem argumentação, elabora o que deve (deveria) ser uma linguística nova, em *ruptura* com um século de história (...). Será a resposta esperada à pergunta da época (já evocada): como fazer uma *linguística geral*? É, em todo caso, a primeira vez que, sob o modelo da ciência social – chamada por Comte a se constituir como uma “física” –, a pesquisa sobre linguagem e as línguas tenta pensar rigorosamente as propriedades de seu objeto e os limites de seu campo.

A noção de ruptura ou corte epistemológico sempre foi tomada com cautela pela pesquisadora em seus estudos. Em um trabalho intitulado “Entre o corte, a ruptura e o movimento”, Marques (2023) discorre acerca do enfraquecimento

¹² Tomamos aqui *signos verbais* como *signos linguísticos*.

¹³ Há flutuações terminológicas, processos de edição, complicação progressiva de noções etc (Normand, [2000] 2009; Flores, 2023).

dessa noção nas elaborações de Normand e traz em relevo a noção de *movimento*, cristalizada por Silveira (2007) em sua pesquisa de doutorado, como uma alternativa possível para caracterizar a teorização saussuriana.

Tendo isso em mente, apontamos o conceito de *descontinuidade* histórica arrolado por Foucault (2008) para explicar que os discursos sobre língua/linguagem atualizaram-se, reinventaram-se e repetiram-se ao longo do tempo – tanto antes de Saussure quanto depois (Câmara Júnior, 2021), como vemos no discurso didático apresentado na amostra. Esse processo sugere-nos a materialização no enunciado da concepção de língua enquanto “sistema de signos e ideias”, “um sistema de signos que exprimem ideias” (Saussure, [1916] 2006, p. 24), enquanto produto da coletividade que se vale na massa de falantes e a língua como parte social da linguagem.

Tal inscrição está associada a outros enunciados que constituem a língua como um objeto científico. Assumindo a postura teórica de Pilati, Weissheimer e Prado (2023), observamos que essa dimensão da concepção de língua parece não estar presente explicitamente na BNCC. Todavia, no texto da base, implicitamente podemos recuperar parte da vasta teoria saussuriana. Vejamos uma competência específica de LP para o ensino médio:

4. Compreender as línguas como fenômeno (geo)político, histórico, cultural, *social*, variável, heterogêneo e sensível aos contextos de uso, reconhecendo suas variedades e vivenciando-as como formas de expressões identitárias, pessoais e *coletivas*, bem como agindo no enfrentamento de preconceitos de qualquer natureza (Brasil, 2018, p. 490, grifo nosso).

Muito embora essa competência enfoque uma concepção de língua ligada a dimensões externas, conseguimos identificar a presença implícita da teoria de Saussure quando podemos compreender a língua como um fenômeno social e coletivo, por exemplo. Temos, portanto, na BNCC, uma regra de emergência para essa concepção de língua no material analisado. Com relação à posição-sujeito (Foucault, 2008) ocupada por pesquisadores e/ou professores ensejados por essa concepção de língua, muitos a lerão como *estruturalista*. No entanto, aludimos a Flores (2023), de modo a reafirmar que se deve separar as *ideias de Saussure* e as *ideias derivadas de Saussure*, uma vez que a novidade saussuriana é a noção de sistema e de primazia deste (Benveniste, 2005). Essa leitura, assim, é de responsabilidade de seus leitores.

No *eixo 2*, vemos dois enunciados materializados que dizem respeito às elaborações teóricas de Jakobson ([1975] 2003) a respeito do sistema comunicacional – à medida que o livro didático toma a língua/linguagem como um código. Esse autor foi um importante linguista russo, sucessor de Saussure, cuja teoria acolheu favoravelmente (Puech, 2005). Piovezani e Silveira (2017, p. 1070) acrescentam que, nas recepções de Saussure após a publicação do CLG, “os membros do Círculo Linguístico de Moscou (entre os quais se encontravam Jakobson e Tynianov) acolhiam-no [Saussure] favoravelmente, atribuíam-lhe um caráter inovador e apontavam-lhe uma ou outra inconsistência”.

Dessa forma, para Jakobson ([1975] 2003), é necessário dar conta, num retorno à língua, do *sujeito que fala* primando uma intencionalidade. Essa

perspectiva visa a completar a *exclusão saussuriana* do sujeito falante bem-intencionado, defendida pelo autor. Dito de outra forma, tal sujeito falante acredita “encontrar na linguagem um instrumento ideal de comunicação, onde aquele que fala encontra o seu outro que o entende” (Trois, 2004, p. 54). Esse jogo de continuidade e descontinuidade em relação ao objeto científico língua permitiu Jakobson ([1975] 2003) tomar a língua como *código*. Assim, esse linguista marca, na descontinuidade histórica, seu posicionamento a respeito de sua concepção de língua/linguagem.

Por fim, o *eixo 3* mobiliza dois enunciados que vão ao encontro da teoria proposta por Chomsky (1957; 2020) acerca da Faculdade da Linguagem. Segundo esse autor,

A Faculdade da Linguagem (FL), bem como as línguas individuais, são propriedades internas das pessoas; a primeira compartilhada por toda a espécie e exclusiva dos seres humanos em aspectos fundamentais, uma verdadeira propriedade da espécie e a base para a cultura e criatividade humanas (Chomsky, 2020, p. 6).

De acordo com Chomsky (1957; 2020), como percebemos, os seres humanos nascem geneticamente predispostos ao desenvolvimento de línguas naturais, sendo estas imanentes a eles. Esse postulado teórico deu-se a partir do fim da década de 50, quando Chomsky muda a rota dos estudos das línguas apenas no nível da palavra, como explica Parreira (2017). Nas palavras da autora, Chomsky “propõe um estudo da sintaxe das línguas naturais e também que a língua seja entendida como um objeto mental” (p. 1026).

Ainda em conformidade com Parreira (2017), a proposta de Chomsky a respeito da língua como “um sistema de princípios radicados na mente humana” (p. 1026) esquia-se “do que havia sido elaborado por Saussure, que entendia a língua como um objeto social. No entanto, aproxima-se dele porque seu interesse é a *langue* [língua] e não a *parole* [fala]” (p. 1027). Nesse cenário, Chomsky trouxe uma contribuição fundamental ao campo da Linguística acerca da gramática transformacional ou gerativa que se inscreveu ao longo do tempo (no processo de continuidade e descontinuidade) e, mesmo que em oposição às outras duas concepções de língua apresentadas, na amostra do material didático. Tal conceito de língua articula-se aos outros em relação à língua enquanto objeto científico do discurso didático.

Nessa direção, o jogo *continuidade-descontinuidade* das três noções de língua referenciadas¹⁴ na amostra do material em análise implica uma concepção específica de língua do discurso didático: a de instrumento de comunicação, influenciada por Jakobson. A visão de Geraldini (1985, p. 43) parece confirmar nossa hipótese quando de uma das três concepções de língua/linguagem trabalhadas na escola:

A linguagem é instrumento de comunicação: essa concepção está ligada à teoria da comunicação e vê a língua como código

¹⁴ A expressão *salada de frutas*, sugerida por Eliane Silveira em reunião de orientação, pareceu-nos bastante produtiva para caracterizar a mobilização das três concepções de língua.

(conjunto de signos que se combinam segundo regras) capaz de transmitir ao receptor certa mensagem. Em livros didáticos, é a concepção confessada nas instruções ao professor, nas introduções, nos títulos, embora em geral seja abandonada nos exercícios gramaticais.

O material didático examinado, ao articular as concepções de língua catalogadas, mostra-nos que se entende, preferencialmente, língua como meio de comunicação na prática do ensino de LP.

Por meio da análise aqui referenciada, percebemos que a BNCC não contempla as últimas duas concepções de língua analisadas, implícita ou explicitamente. Esse posicionamento do documento faz-nos concordar com a visão já apresentada neste trabalho a respeito do conceito de língua na base nacional e, sendo assim, permite-nos abertura para admiração, uma vez que estão inscritos no material didático em relevo.

Conclusão

Neste estudo, propusemo-nos descrever e analisar as diferentes concepções científicas de língua no discurso didático do livro *Estudos da Linguagem*, destinado ao ensino de LP na última etapa da educação básica: o ensino médio. Para isso, fizemos uma breve incursão pelo que preconiza a BNCC (Brasil, 2018) para o ensino de LP e trouxemos a visão de Pilati, Weissheimer e Prado (2023) no tocante ao conceito de língua, apresentado pelo documento norteador, referir-se somente à dimensão enunciativo-discursiva. Dessa forma, as autoras concluíram que esse posicionamento não contempla outros achados científicos a respeito do tema.

Depois, recuperando as reflexões teórico-metodológicas foucaultianas de enunciado e de função enunciativa (Foucault, 2008), partimos para a descrição e análise do *corpus* selecionado, de modo que pudéssemos ver o aparecimento, a articulação e a inscrição dos enunciados mobilizados. Logo, notamos que a amostra do livro didático em questão elenca três concepções científicas de língua: uma influenciada por Saussure, outra por Jakobson e uma terceira por Chomsky. Contudo, ela adere a duas concepções (a de Saussure e a de Jakobson) e refuta a outra (a de Chomsky). Apoiamo-nos em Foucault (2008) para explicitar a descontinuidade histórica dessas discursividades.

Por fim, concluímos que, para além das condições históricas de emergência dessas três concepções de língua, interessantemente a BNCC abre uma entrada implícita para a teoria saussuriana por meio de uma das competências apresentadas. Além disso, concluímos que, no jogo continuidade-descontinuidade das três concepções de língua mobilizadas nos enunciados, há uma concepção específica de língua, confessada pelo material: a de instrumento de comunicação, influenciada por Jakobson.

- BALADELI, Ana Paula Domingos. *Letramento crítico e questões de identidade em textos digitais no livro didático de língua inglesa*. 2012. 122 f. Dissertação (Mestrado) - Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Cascavel, 2012. Disponível em: <https://tede.unioeste.br/handle/tede/2368>. Acesso em: 09 nov. 2023.
- BENVENISTE, E. *Problemas de linguística geral I*. 5. ed. Tradução de Maria da Glória Novak e Maria Luisa Neri. Campinas: Pontes Editores, 2005.
- BRASIL. [Constituição (1988)]. *Constituição da República Federativa do Brasil de 1988*. Brasília, DF: Presidente da República, [2016]. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm. Acesso em 27 nov. 2023.
- BRASIL. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. *Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional*. *Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil*. Brasília, DF, 23 dez. 1996. Seção 1, p. 33-44.
- BRASIL. Decreto nº 9.099, de 18 de julho de 2017. *Dispõe sobre o Programa Nacional do Livro e do Material Didático*. Brasília, DF, 2017.
- BRASIL. Ministério da Educação. *Base Nacional Comum Curricular*. Brasília, 2018.
- CÂMARA JÚNIOR, Joaquim Mattoso. *História da linguística*. Petrópolis: Editora Vozes, 2021. Edição revista e comentada por Valdir do Nascimento Flores e por Gabriel de Ávila Otero.
- CHOMSKY, Noam. *Syntactic structures*. Haia: Mouton, 1957.
- CHOMSKY, Noam.. Operações fundamentais da linguagem: reflexões sobre o design ótimo. *Cadernos de Linguística*, Abralim, [s. l.], v. I, n. 1, 2020.
- DELEUZE, Gilles. Um novo arquivista (Arqueologia do Saber). In: DELEUZE, Gilles. *Foucault*. São Paulo: Martins, 1988.
- FERNANDES JÚNIOR, Antônio. Discurso, poder e resistência em Sangria. In: BRAGA, Amanda.; SÁ, Israel de (Org.). *Por uma microfísica das resistências: Michel Foucault e as lutas antiautoritárias da contemporaneidade*. Campinas: Pontes Editores, 2020. p. 179-204.
- FLORES, Valdir do Nascimento. *A linguística Geral de Ferdinand de Saussure*. São Paulo: Contexto, 2023.
- FOUCAULT, Michael. *A verdade e as formas jurídicas*. 3. ed. Rio de Janeiro: Nau Editora, 2003.
- FOUCAULT, Michael. *A ordem do discurso: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970*. 11. ed. São Paulo: Loyola, 2004.
- FOUCAULT, Michael. *Arqueologia do saber*. Tradução de Luiz Felipe Baeta Neves. 7. ed. Rio de Janeiro: Forense universitária, 2008.

FRANCESCHINI, Bruno. *Cartografias do Discurso: a constituição de um dispositivo de TDAH*. 2017. 155 f. Tese (Doutorado) - Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2017. Disponível em: <https://repositorio.ufu.br/bitstream/123456789/18021/1/CartografiasDiscursoConstituicao.pdf>. Acesso em: 27 nov. 2023.

FTD. *Estudos da Linguagem: linguagens e suas tecnologias*. 2. ed. São Paulo: FTD, 2021.

GERALDI, João Wanderley. Concepções de linguagem e ensino de português. In: GERALDI, João Wanderley (Org.). *O texto na sala de aula*. 3. ed. Cascavel: Assoeste, 1985. Cap. 5. p. 41-48.

JAKOBSON, Roman. *Linguística e comunicação*. Trad. José Paulo Paes. São Paulo: Cultrix, [1975] 2003.

MARQUES, Allana Cristina Moreira. Entre o corte, a ruptura e o movimento. *Linguagem & Ensino*, Pelotas, v. 26, n. 2, p. 310-330, 2023. Disponível em: <https://revistas.ufpel.edu.br/index.php/linguagem/article/view/7034/5896>. Acesso em: 29 out. 2023.

NORMAND, Claudine. *Saussure*. Trad. de Ana de Alencar e Marcelo Diniz. São Paulo: Estação Liberdade, [2000] 2009.

PARREIRA, Míriam Silveira. A importância do pensamento de Saussure e da teoria de Chomsky para a Linguística Moderna. *Domínios de Lingu@Gem*, Uberlândia, v. 11, n. 3, p. 1024-1044, 1 out. 2017. Semestral. EDUFU - Editora da Universidade Federal de Uberlândia. <http://dx.doi.org/10.14393/dl30-v11n3a2017-27>. Disponível em: <https://core.ac.uk/download/pdf/195096418.pdf>. Acesso em: 01 jan. 2024.

PILATI, Eloísa Nascimento da Silva; WEISSHEIMER, Janaína; PRADO, Ana Paula Oliveira do. Os conceitos de língua e de leitura presentes na BNCC auxiliam os professores da educação básica brasileira? *Scripta*, [s. l.], v. 27, n. 59, p. 67-91, 2023. Quadrimestral. Disponível em: <https://periodicos.pucminas.br/index.php/scripta/article/view/30257/20888>. Acesso em: 03 nov. 2023.

PIOVEZANI, Carlos; SILVEIRA, Allice Toledo Lima da. O valor de Saussure para os estudos do discurso. *Gragoatá*, [S.L.], v. 22, n. 44, p. 1066-1086, 22 dez. 2017. Pro Reitoria de Pesquisa, Pós-Graduação e Inovação - UFF. <http://dx.doi.org/10.22409/gragoata.v22i44.33549>. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/gragoata/article/view/33549>. Acesso em: 10 set. 2023.

PUECH, Christian. L'émergence de la notion de "discours" en France et les destins du saussurisme. *Langages*, Paris, n. 159, p. 93-110, 2005.

SAUSSURE, Ferdinand de. (1857-1913). *Curso de Linguística Geral*. Organizado por Charles Balloy; Albert Sechehay; com a colaboração de Albert Riedlinger; prefácio da edição brasileira Isaac Nicolau Salum; tradução de Antônio Chelini, José Paulo Paes, Izidoro Blikstein. 27 ed. São Paulo: Cultrix, [1916] 2006.

SILVEIRA, Eliane Mara. *As marcas do movimento de Saussure na fundação da linguística*. Campinas: Mercado de Letras, 2007.

TROIS, João Fernando de Moraes. *Por um nó epistemológico da linguística e da psicanálise: um estudo sobre Saussure, Benveniste e Lacan*. 2004. 159 f. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2004. Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/3537>. Acesso em: 01 jan. 2024.

Para citar este artigo

ROSA, César Morais. As concepções de língua presentes em um material didático de língua portuguesa: uma análise a partir dos conceitos foucaultianos de enunciado e de função enunciativa. *Miguilim – Revista Eletrônica do Netlli*, Crato, v. 13, n. 2, p. 377-392, maio-ago. 2024.

Autoria

César Morais Rosa é mestrando, sendo bolsista da Fundação Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), no Programa de Pós-graduação em Estudos Linguísticos, da Universidade Federal de Uberlândia (UFU). Membro do Grupo de Pesquisa Ferdinand de Saussure (CNPq), GP_FdS. Com relação às atividades docentes, atua como professor de educação básica designado na Secretaria de Estado de Educação de Minas Gerais (SEE-MG). Tem experiência em ensino de Língua Portuguesa e de Língua Inglesa - na educação básica e profissionalizante, em ensino de Língua Portuguesa para estrangeiros como língua de acolhimento e em revisão textual. Com relação à pesquisa, desenvolve estudos acerca da produção teórica de Ferdinand de Saussure, com ênfase a) na articulação da teoria saussuriana e o ensino-aprendizagem de língua portuguesa no Brasil e b) no alcance teórico da obra de Ferdinand de Saussure. E-mail: cesarmoraisrosa@gmail.com; ORCID iD: <https://orcid.org/0009-0008-7948-1017>.